

## LOCAIS DE SOCIABILIDADE E INSERÇÃO POLÍTICA NO SEGUNDO REINADO: JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.

Laura Roberta Fontana<sup>1</sup>

Grupo de Trabalho 5: INTELECTUAIS E SOCIEDADE CIVIL (SÉCULOS XIX E XX).

Resumo: Este breve trabalho pretende refletir sobre os múltiplos locais de sociabilidade e sobre as relações afetivas que influenciavam no campo da ação política e que ultrapassavam a questão da inserção partidária durante o Segundo Reinado, focando na figura de José Maria da Silva Paranhos, o visconde do Rio Branco.

Palavras-chave: Segundo Reinado, Locais de Sociabilidade, Visconde do Rio Branco, Relações afetivas.

Um dos objetivos centrais da pesquisa em que se baseou este trabalho<sup>2</sup>, é tentar perceber de que maneira as relações afetivas e de amizade, que de fato ultrapassava o ambiente meramente político, entre Rio Branco (o visconde) e Nabuco de Araújo, influenciaram suas ações políticas no Segundo Reinado, mesmo eles estando em partidos opostos. Embora o foco seja esta relação em específico, esse artigo pretende apontar, de uma forma mais ampla, para os pertencimentos que impulsionaram politicamente o próprio Visconde do Rio Branco, personagem principal da pesquisa.

E onde se dariam essas relações? Quais seriam os lugares de sociabilidade onde se travariam tais relacionamentos de afeto, amizade e cumplicidade política? A troca de correspondências acaba por se transformar num local importante neste sentido:

“A correspondência pessoal de um indivíduo é portanto um espaço definidor e definido pela sua sociabilidade. É através dela que as pessoas, mesmo distantes fisicamente, podem trocar idéias e afetos, construir projetos mútuos ou discutir planos opostos, estabelecer pactos ou polêmicas e organizar ações. Esses documentos permitem, em síntese, esboçar a rede de relações sociais de seus titulares.”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Laura Roberta Fontana, graduada pela Universidade Federal Fluminense em História e mestranda pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em História Social, sob orientação do professor Pedro Marinho. Emails: [laurafontana@oi.com.br](mailto:laurafontana@oi.com.br) ou [laurinharoberta@hotmail.com](mailto:laurinharoberta@hotmail.com)

<sup>2</sup> Dissertação em andamento: “O Visconde do Rio Branco: Reflexões sobre identidade, sociabilidade e afetividade no Segundo Reinado - O Gabinete Reformador 7 de Março.”

<sup>3</sup>VENANCIO, Giselle Martins. “Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna” *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 28, 2001. Pág.9.

As cartas, sem dúvida, foram, para Paranhos, lugar significativo de sociabilidade, principalmente no que diz respeito a sua relação com Nabuco. A troca de cartas entre os dois foi bem razoável, e nos focaremos aqui nas cartas enviadas de Paranhos para Nabuco nos anos de 1854-1871, arquivadas no IHGB<sup>4</sup> (66 cartas), anteriores ao Gabinete 7 de março, foco principal da pesquisa realizada, mas que para o objetivo deste artigo, servem como panorama das reflexões que pretendemos abordar.

Seguindo as pistas presentes nas cartas, podemos perceber que a relação dos dois ultrapassava a estrita relação política. Joaquim Nabuco, em “Minha Formação<sup>5</sup>” e “Um Estadista no Império<sup>6</sup>”, fala um pouco desta relação, muito preocupado também em mostrar as articulações que, mesmo com a república, podiam ser valiosas. O tipo de tratamento nas cartas é íntimo, característico entre amigos:

“Logo repartirei com V.Ex. umas frutas saborosas que mandaram-me da terra onde abundam os homens do Estado, *c'est à dire*, de Montevidéu.

Sinto os seus incômodos e do seu filhinho. Apresentei a sua desculpa ao imperador, que veio perguntar se o seu pequeno havia piorado.

Estou na sala das conferências ministeriais e triste, porque não vejo a meu lado V. Ex..

A nossa conferência de amanhã em casa de Sr. Marquês é a tarde ou de manhã?  
Estimo as suas melhoras. Hoje é que soube que desta vez o caso foi sério.  
Desculpe a minha amizade.

Irei ao seu grêmio conversar e inspirar-me...

Ontem fui solitário a S. Cristóvão: consolou-me a leitura que fiz de um longo parecer de V Ex.

---

<sup>4</sup> PARANHOS. Temporalidade Histórica: 1854 – 1857. IHGB n°: DL 365. 5.

PARANHOS. Convenções Diplomáticas. IHGB n°: DL 365. 8.

<sup>5</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*, (Obras Completas, selecionada e anotada por Luiz Camilo de Oliveira Neto), 2ª. Edição, São Paulo: Instituto Progresso Editorial (IPÊ), 1947.

<sup>6</sup> NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império*, 4ª. Edição, Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1975.

Tenha pena do seu amigo e desculpe-o de não ir, como muito desejava, como até ontem esperava conseguir, abraçá-lo. Meus cumprimentos a toda família.”<sup>7</sup>

A transcrição de alguns dos trechos das cartas já nos demonstra que Paranhos se dirigia à Nabuco com afetividade e preocupação, e revelam que seus laços ultrapassavam a vida estritamente política. As cartas quase sempre são assinadas como “do seu afetuoso amigo e colega”, o que também nos mostra proximidade.

Partindo então da força desta relação, que posteriormente será aclamada, recuperada e cuidadosamente mantida entre seus filhos, inclusive através da escrita biográfica, podemos notar a influência desta na política do Segundo Reinado, analisando o conteúdo de tais cartas. A grande maioria trata de pedidos de nomeações e cargos para amigos, demonstrando como as relações afetivas impulsionavam o preenchimento do alto escalão imperial a partir de tais clamores.

Tal documentação versa sobre partida de navios, presos na Ilha Rasa, tráfico de escravos, questão das colônias militares, política, questão dos bispos, assuntos eclesiásticos, considerações sobre os colegas de gabinete, secretarias de polícia, solicitação de pareceres, comunicações acerca da reeleição do visconde como deputado, comentários de decretos, convenções diplomáticas, lei hipotecária e regência da princesa imperial. Mas sem dúvida alguma, a solicitação de cargos, licenças e favores políticos são os assuntos de mais presença:

“Ao Ilmo e Exmo Conselheiro Jose Thomas Nabuco de Araújo cumprimenta o seu amigo e colega Jose Maria da Silva Paranhos, e tem a honra de comunicar a S Ex que hoje foi concedida a licença para cortar madeiras, pedida por Antonio Francisco de Oliveira Sobrinho por quem S.Ex. se interessa.

Tomo a liberdade de apresentar a V Ex o incluso memorial do monge beneditino frei Antonio de Sta Agueda Carneiro, que solicita a nomeação de pregador honorário da capela imperial.

Tenho todo o interesse por este despacho, e por isso rogo a V.Ex. que se digne de acolher essa súplica com a costumada benevolência de V.Ex para comigo.

---

<sup>7</sup> PARANHOS. Temporalidade Histórica: 1854 – 1857. IHGB n°: DL 365. 5.

PARANHOS. Convenções Diplomáticas. IHGB n°: DL 365. 8.

O Dr Jose Maria de Andrade, juiz municipal do termo de Jacareí, na província de S. Paulo, deseja ser nomeado para uma das duas comarcas que se tem de criar na mesma província. Tenho interesse por esta pretensão, e por isso o recomendo a V. Ex., rogando lhe que na primeira ocasião me diga alguma coisa a respeito.

Um amigo meu, por quem tenho particular consideração, pede me que eu interceda junto a V. Ex em favor de João Pedro de Faria, que pretende o 2º officio de escrivão de órfãos da cidade de Cabo Frio, vago pela morte do serventuário.

Peço, pois encarecidamente a V. Ex que, sendo possível se digne de atender ao pretendente, de cuja aptidão e qualidade tenho ótimas informações, acrescentando em seu favor o seu onerado de família.

Veja V. Ex com a sua costumeira bondade o que me diz o escrivão Mello na carta junta por cópia. Atendo o meu amigo que fiquei mal com a exclusão do Sr Torres de uma das delegacias da Corte, e que a nomeação do Mello é o que de mais importante apresento no meu distrito. Por favor, não me deixe ficar mal.

V. Ex. sabe o que é ter um pretendente em casa? Imagine quando esse pretendente é amigo por quem se deve tomar todo o interesse? Pois então porque não me diz vã palavra nem ao menos me assigna dia e hora para apresentar-lhe o pretendente.

Venho pedir-lhe um favor, que não é grande para V.Ex. e que para mim é muito importante porque interessa a um amigo digno de todo apreço por suas qualidades pessoais.

O desembargador José Ferreira Souto deseja passagem para a relação de Corte. Magistrado antiquíssimo, honrado e inteligente é digno da justiça e bondade da V.Ex.

Diz-me lá V.Ex. que não há vaga na relação da Corte? Pois eu prometo a V.Ex. abrirão vaga dentro de poucos dias.

Vamos, caro colega, prometa-me essa nomeação que serve a este seu amigo e todos lhe levarão muito a bem.

Tire o meu afilhado das cólicas em que está, e lembre-se bem de que ele não quer senão o lugar de official interno. Ande, meu Cons. Colega: sirva com a sua bondade e poder a dois, e especialmente a este...

Seu colega e amigo.”<sup>8</sup>

Os pedidos e a referência à amizade para a realização de tais são bem claros, mostrando como o relacionamento de ambos direcionava decisões políticas e como a troca de cartas foi um local de manutenção e fortalecimento de sociabilidade.

A Maçonaria foi também um lugar de sociabilidade importante para Paranhos, e de influência reconhecida nos altos postos do poder no país desde sua independência, e durante todo o Império. As lojas maçônicas foram, durante muito tempo, disseminadoras de ideais liberais, que foram fundamentais na formação de Paranhos. Homem reformista e carregado de princípios do liberalismo, após breve passagem no Partido Liberal enquanto jovem, construiu sua vida política no partido Conservador e mesmo mediante a um processo de reestruturação do partido Liberal, com a ida de nomes como o próprio Nabuco, seu amigo e antes companheiro de partido, se manteve como um dos grandes nomes do Partido Conservador até a sua morte, mesmo após empreendimentos reformistas no seu gabinete, o 7 de março, na década de 1870.

Essa mudança inicial de Paranhos do partido Liberal para o Conservador, assim como a sua permanência no próprio, mesmo com a sua redefinição, nos revela aspectos importantes dentro de uma perspectiva mais geral da política imperial. A filiação partidária não foi predominante para a definição ideológica do visconde do Rio Branco, mesmo que esta tenha sido fundamental no que se diz respeito ao empoderamento. Sua inserção meio aos conservadores, serviu como instrumento de manutenção no poder decisório, mesmo que tenha sido alvo de críticas de ambos os lados, já que realizava ações liberais dentro do partido Conservador.

Paranhos possuía assim uma inclinação ao conservadorismo no sentido de defesa da moderação política, embora tenha, graças à maçonaria e também à vivência regencial, se apropriado do liberalismo, como é claro em seus discursos. Enquanto jovem, vivenciou durante o período regencial a concentração política em dois partidos, e com a sua inserção na maçonaria, que só nos anos finais do Império batera claramente de frente com o catolicismo, pode entrar em contato com as discussões liberais do século XIX. Sendo assim, as lojas maçônicas possibilitavam relações de proximidade entre seus participantes e fortaleciam laços que os uniam politicamente e ideologicamente.

É importante pensar que Jose Maria da Silva Paranhos vive e constrói sua identidade política num período de grandes mudanças e de passagem à modernidade. O contexto de entrada do liberalismo nos círculos intelectuais e maçônicos o faz conjugar tradições “arcaicas” e aspirações modernas, numa tentativa de moderação que o acompanhará por toda sua vida. Num momento onde o tempo histórico parece acelerar-se<sup>9</sup>, o visconde do Rio Branco, assim como muitos de sua geração, apropriaram-se de elementos conservadores e liberais, dentro de um processo de circulação de idéias próprio do período. Vivenciou os conflitos e contradições típicas da modernidade, sentindo as rupturas e permanências do período, sendo liberal e conservador, progressista e tradicional. Defensor da separação entre Igreja e Estado, e também da maçonaria quando esta entra em choque com o catolicismo, foi fervoroso católico, a ponto de, antes de sua morte, ter exigido todos os sacramentos e rituais cristãos. Muito por isso, durante a questão religiosa, defendeu diversas vezes a maçonaria como algo à parte da religião:

---

<sup>8</sup> IBIDEM.

<sup>9</sup> Sobre a questão da aceleração do tempo na modernidade, ver: KOSELLECK, R. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. RJ, Contraponto/Ed.UERJ, 2006.

“Aceitei o encargo dos maçons do círculo do Lavradio, e não me arrependo: decretem os nobres senadores, segundo a sua teologia e direito canônico quantas excomunhões quiserem; minha consciência esta tranqüila, minhas relações com Deus são as de um perfeito cristão. Não julgo conveniente, Sr. presidente, defender a religião do Estado, como fazem os ultramontanos; desejava que os espíritos iluminados, que, como o nobre senador pelo Maranhão, possuem tanto saber eclesiástico, promovessem os interesses da religião no Brasil por outro modo, concorrendo para que se eduque melhor o nosso clero, para que se regenere o atual (apoiados), para que os prelados edifiquem seus rebanhos, evangelizando difundindo a luz e a fé religiosa com as palavras apostólicas, com o exemplo de sua dedicação a Deus e a sociedade, de quem são pastores. E assim que se deve falar as consciências, e não começando por expelir da Igreja católica os membros de uma associação, que existia no Brasil há tantos anos, sempre como associação política e beneficente (apoiados).<sup>10</sup>”

Mais uma vez, enxergamos em Paranhos um sujeito histórico que conjuga posicionamentos particulares e característicos de uma geração e de um contexto histórico, e que através de suas relações e locais de sociabilidade, ou seja, de sua vivência concreta, atuou politicamente, sendo partidário conservador e reformista. A realização das reformas na década de 70 por Paranhos, quando este chega à posição de presidente do Conselho de Ministros e ministro do Império, foi, como aponta José Murilo de Carvalho<sup>11</sup>, parte do plano político de esvaziar o programa liberal pelos conservadores. Porém, não podemos esquecer que a escolha de Paranhos para tal função não foi à toa, sua trajetória e sociabilidade direcionaram tal escolha, e possibilitou tal realização. Levamos em conta aqui que, de fato, Paranhos foi a terceira escolha do Imperador (antes, Itaboraí, não tão especificamente para conduzir a reforma, e São Vicente, este sim, com a incumbência), mas acreditamos que isto não tire o peso dele ter sido o homem que no plano real conduziu, com sucesso, o projeto reformista. Interessante o fato de que Joaquim Nabuco ao escrever sobre o pai e ao compartilhar com Paranhos Júnior os manuscritos do “*Um Estadista do Império*” viu o Barão do Rio Branco pedir a omissão do fato de seu pai, o Visconde do Rio Branco, não ter sido a primeira opção do Imperador para formar o Gabinete 7 de março, responsável dentre outras realizações, pela Lei do Ventre Livre<sup>12</sup>. O Barão do Rio Branco considerou desonroso para o pai aceitar o mais importante cargo político de sua vida, depois do Imperador ter feito duas tentativas fracassadas e não quis que isso “ficasse para a História”.

---

<sup>10</sup> Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, *defesa da maçonaria no parlamento brasileiro pelos Srs. Visconde do Rio Branco (Presidente do Conselho de Ministros) e Alencar*, Typ. do Echo de Minas. 17 de maio de 1873. Biblioteca Nacional – Seção Obras Raras: 106, 2, 9.

<sup>11</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>12</sup> FRANCO, Afonso Arinos de Melo. “Joaquim Nabuco e a História Política do Império”, Introdução Geral, NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império*, Op. cit., pp. 13-34.

Denis Antônio de Mendonça Bernardes, analisando os anos de 1820 a 1822 em Pernambuco, nos proporciona importantes considerações acerca da questão da sociabilidade como difusora de doutrinas e teorias, repensando o papel e o lugar...

“(…) Das idéias, da sensibilidade política e religiosa, na formação dos atores históricos, na conformação de suas identidades individuais e sociais, nos projetos que, de alguma maneira, conceberam para suas vidas e para a sociedade que desejaram construir”.<sup>13</sup>

A troca de correspondências, a inserção na maçonaria e as conseqüentes relações de amizade que se travaram a partir destes locais de sociabilidade, assim como obviamente todo o contexto histórico do período, foram fundamentais para a identidade política de Paranhos, e para a escolha do Imperador para que este fosse o realizador das reformas imperiais, como a Lei do ventre livre e a Reforma judiciária, dentre outras.

Outro local de sociabilidade que foi importante para Paranhos foi o jornalismo.

Com o fim de seus estudos na Escola Militar, insere-se no jornalismo, escrevendo para *O Novo Tempo*, e posteriormente para o *Correio Mercantil e Jornal do Comércio*. Aliás, o jornalismo pode ser visto como algo de extrema importância para a trajetória de Paranhos. Diferentemente de nomes como Francisco Ignácio Carvalho Moreira, o Barão de Penedo, que se casou com ninguém menos que a sobrinha-neta de José Bonifácio (Paranhos casa-se em 1842, com a D. Teresa de Figueiredo Faria, irmã de um amigo seu da Marinha, nascida no Rio de Janeiro e filha de um negociante português<sup>14</sup>), e por não pertencer a uma família de grande nome, o jornalismo fez parte de uma espécie de estratégia de inserção política, e a partir de seus escritos pode fazer deste um lugar de sociabilidade interessante, assim como foi, para ele, a maçonaria. Não podemos também ceder à ingenuidade de acharmos que José Maria da Silva Paranhos vinha de uma pobre família e conseguiu subir graças apenas ao seu esforço e estratégias mesmo numa sociedade sem grande mobilidade: embora sua família não fosse tradicional politicamente, seus ascendentes paternos foram fortes comerciantes na Bahia, e seu tio materno, que o acolheu no Rio de Janeiro, militar de importância. Aliás, mesmo que tenha desembarcado no Rio de Janeiro ainda jovem, e que sua família paterna não tenha sido tão presente, não se pode negar a influência desses mercadores que

“Com aplausos públicos e menções honrosas nos documentos oficiais do tempo, auxiliaram eficazmente a inteligente administração do

---

<sup>13</sup> BERNARDES, Denis Mendonça, *O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820 - 1822*. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 2002. Pág.121.

<sup>14</sup> O casal teve 9 filhos: “José Maria da Silva Paranhos, posteriormente o Barão do Rio Branco; Maria Luísa, que fugiu de casa para se casar com José Bernardino da Silva, de origem humilde; Amélia, que se casou, em 1875, com Pedro Afonso Ferreira, bacharel em direito; Maria Honorina; Pedrinho, que era paralítico; Augusta Amélia, casada com Luís Cavalcanti, ambos morrem de tuberculose; João Horácio, que entrou para o exército em 1880; Luisa que também morreu de tuberculose; e Alfredo, boêmio, foi morar com a mãe em Paris em 1894, morreu de congestão pulmonar.” FONSECA, Brenda Coelho. *Trajatória e ascensão social de Jose Maria da Silva Paranhos: o jornalismo como estratégia (1850-1851)*. Trabalho apresentado no IV Simpósio Nacional Estado e Poder: intelectuais, na Universidade Estadual do Maranhão. 2007.

Governador Conde dos Arcos, concorrendo para os muitos melhoramentos materiais e morais, que ele soube oportunamente introduzir.”<sup>15</sup>

Assim, o trabalho como jornalista e principalmente a maçonaria, serviram como articulações com as províncias do Sul.

O casamento era uma maneira de galgar socialmente, através da criação de novas redes de relações, mas sem dúvida, e José Murilo<sup>16</sup> já aponta para isso, o jornalismo também foi uma forma, no Império, de criar relações que permitissem inserção política, principalmente para aqueles que não vinham de uma parentela com tradição na área. De família comerciante e militar, precisou de estratégias que o penetrassem nessas redes de sociabilidade, e tais passaram pela maçonaria, pelo jornalismo e a partir da criação de relações políticas e afetivas através destes, as manteve, utilizando, por exemplo, a correspondência, que acabou se tornando mais um local de sociabilidade, pois permitiu a manutenção de tais relacionamentos.

Enquanto escrevia para *O Novo Tempo*, jornal com tendências liberais, Paranhos foi eleito deputado provincial no Rio de Janeiro, em 1845, pelo Partido Liberal. A partir daí

“Foi designado ao cargo de secretário da Província do Rio de Janeiro, e em 1847, nomeado vice-presidente da mesma província, porém o presidente Visconde de Sepetiba, eleito senador, deixou a presidência e Paranhos acabou assumindo a província de maio a setembro. Contava ele 26 anos de idade. Já em 1848, entrou para o Correio Mercantil, jornal também ligado ao Partido Liberal. Nesse mesmo ano, é nomeado Catedrático da cadeira de Artilharia e Fortificação da Escola Militar”<sup>17</sup>.

Começada a década de 50, porém, Paranhos passa a escrever para o *Jornal do Comércio* (jornal conservador), sai do Partido Liberal e inicia sua carreira política entre os conservadores. Tal mudança está inserida num contexto de maioria na Câmara dos Deputados do Partido Conservador, o que possibilitou uma bem sucedida centralização monárquica, através da política de conciliação. Assistimos, graças ao sucesso da centralização monárquica e da política conciliatória, a um discurso que pretende diminuir as diferenças entre os partidos, demonstrando mais semelhanças que diferenças. De fato, após 1850, observamos um movimento que caminha mesmo para esta direção no que diz respeito à prática política, e é aí que as redes de sociabilidade parecem brilhar com ainda mais força do que a direção partidária, sem nos esquecermos que isto também faz parte de uma estratégia conservadora para diminuir o adversário. Esta idéia é muito presente na fala de Paranhos anos mais tarde, e também daqueles que escrevem sobre ele. Tal concepção, dentre outros fatores, poderia ser uma tentativa do visconde em legitimar suas

<sup>15</sup> BESOUCHET, Lídia. *José Maria Paranhos, Visconde do Rio Branco - Ensaio histórico-biográfico*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985. Pág.18.

<sup>16</sup> FONSECA, Brenda Coelho. *Trajetória e ascensão social de Jose Maria da Silva Paranhos: o jornalismo como estratégia (1850-1851)*. Trabalho apresentado no IV Simpósio Nacional Estado e Poder: intelectuais, na Universidade Estadual do Maranhão. 2007.

<sup>17</sup> IBIDEM.

atitudes reformistas, mesmo pertencente ao Partido conservador, assim como se defender daqueles que o acusavam por ter sido do Partido Liberal no início da sua vida política.

“A queda dos liberais em 1848 não implicara uma derrota definitiva em relação à orientação da política oficial. A influência do liberalismo, no que tinha de positivo, no sentido de transformação de ordem social, era aproveitada ainda pelo imperador. As opiniões de Paranhos, explanadas no jornal conservador, eram essencialmente liberais e por isso despertaram a atenção dos dirigentes de ambos os lados. Em contrapartida, a diferença entre os dois partidos maiores já era então mais formal que afetiva; seus dogmas quase se confundiram e seus dirigentes se diferenciavam pouco no comportamento público; a separação nascia mais de antagonismos e desinteligências pessoais que de princípios.”<sup>18</sup>

É nesse período que escreve as *Cartas ao Amigo Ausente*<sup>19</sup>, no *Jornal do Comercio*, onde utiliza um pseudônimo para falar do cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. Nessas crônicas, mostrava-se preocupado com a situação do Prata e sua instabilidade política, além de tratar da política inglesa com relação ao tráfico, teatro, festas, a febre amarela, escritores, arquitetura... Enfim, fazia um apanhado geral sobre a semana na capital.

Nas *Cartas*, muitas vezes fala em conciliação, demonstrando ser, de forma proposital ou não, um homem acima da luta partidária. Na vigésima terceira carta, chega a dizer que as paixões dos partidos e seus caprichos fazem com que as estradas e indústrias das províncias acabem esquecidas ou administradas de forma displicente.

Por fim, gostaria de atentar para um local de sociabilidade que ainda precisa, nessa pesquisa, de maior atenção e dedicação. Paranhos não possuía formação na área do direito, como vários personagens do “alto escalão” imperial, era engenheiro, de formação militar. Como já vimos, outros locais de sociabilidade que não a Faculdade de Direito, permitiram a inserção de Paranhos e a manutenção de relações afetivas interessantes no âmbito político. Mas a própria inserção como homem científico, engenheiro, não seria também um local de sociabilidade, levando em consideração o papel do “conhecimento científico” do período?

“Desde a primeira metade do século XIX, quando a engenharia passou a ser identificada com um conhecimento matemático, aplicável a situações práticas voltadas para a exploração da natureza e a melhoria das condições materiais de existência do ser humano, a “superioridade” da profissão sobre outras ocupações transformou-se em argumento para a valorização sócio-profissional e política do engenheiro. Ao longo do

---

<sup>18</sup> BESOUCHET, Lídia. *José Maria Paranhos, Visconde do Rio Branco - Ensaio histórico-biográfico*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985. Pág. 68.

<sup>19</sup> PARANHOS, José Maria da Silva. *Ao amigo ausente (1850-1851)*. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Cartas ao amigo ausente*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores – Instituto Rio Branco, 1953. Originalmente publicados no *Jornal do Comercio*.

século XIX, os ideais científicos e “modernos” ganhavam forma nos institutos, nas associações, nos museus...”<sup>20</sup>

Acreditamos que sim, o local de “homem científico” foi um dos locais de sociabilidade fundamentais para Paranhos e para muitos outros, e a penetração em órgãos científicos e ligados aos interesses industriais, como a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (Sain), por exemplo, foram importantes espaços de participação e penetração política que não a meramente partidária ou passando apenas pela faculdade de Direito. Porém, como já foi dito, este é um tópico que merece maior profundidade e atenção que estão sendo dadas em uma pesquisa ainda em andamento.

### Referências:

- BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça, *O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820-1822*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BESOUCHET, Lídia. *José Maria da Silva Paranhos – Visconde do Rio Branco. Ensaio histórico-biográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOURDIEU, Pierre (1996) “A Ilusão Biográfica” in Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem, a Elite Política Imperial*, Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- DUMONT, Louis. *Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica*. Trad. port., Bauru: EDUSC, 2000.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.
- FONSECA, Brenda Coelho. *Trajetória e ascensão social de Jose Maria da Silva Paranhos: o jornalismo como estratégia (1850-1851)*. Trabalho apresentado no IV Simpósio Nacional Estado e Poder: intelectuais, na Universidade Estadual do Maranhão. 2007.
- GINZBURG, Carlo. “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”, In *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: *Escrita de si, Escrita da História*. Org. Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, s.d.
- GOMES, Ângela de Castro. "Rascunhos de História Imediata: de Monarquistas e Republicanos em um Triângulo de Cartas", in *Remate de Males*, n. 24. Campinas, Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2004.
- GRINBERG, Keila. *O Fiador do Império: cidadania, escravidão no tempo de Antonio Pereira Rebouças*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Monárquico*, Tomo II, volume 3, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Monárquico*, Tomo II, volume 5, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 9ª. Edição, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

---

<sup>20</sup> MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. *Engenharia Imperial: o Instituto politécnico brasileiro (1862-1880)*. Dissertação para obtenção do título de mestre pela Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002. Página 35.

- KOSELLECK, R. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. RJ, Contraponto/Ed.UERJ, 2006.
- MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. *Engenharia Imperial: o Instituto politécnico brasileiro (1862-1880)*. Dissertação para obtenção do título de mestre pela Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*, São Paulo: Editora Hucitec, 5ª. Edição, 2004.
- MELLO, Fernando Figueira de. *O Visconde do Rio Branco: Entre a biografia estabelecida e a reconstrução da biografia*. In: FRANCO, Alvaro da Costa (Org.) *Com a palavra, o Visconde do Rio Branco: a política exterior no Parlamento Imperial*. Rio de Janeiro: CHDD; Brasília: FUNAG, 2005.
- MOURA, Cristina Patriota de. *Herança e metamorfose: a construção de dois Rios Brancos*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, nº 25. Ano: 2000/2001.
- NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*, (Obras Completas, selecionada e anotada por Luiz Camilo de Oliveira Neto), 2ª. Edição, São Paulo: Instituto Progresso Editorial (IPÊ), 1947.
- NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império*, 4ª. Edição, Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1975.
- NEDER, Gizlene & CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Os filhos da lei*, Rio de Janeiro: REVAN, 2007.
- NEDER, Gizlene. *Discurso Jurídico e Ordem Burguesa no Brasil*, Porto Alegre, S. A. Fabris Editor, 1995.
- NEDER, Gizlene. *Iluminismo Jurídico-Penal Luso-Brasileiro: submissão e obediência*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos/ICC, 2000.
- NEDER, Gizlene. *Os compromissos conservadores do liberalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé/Socii, 1979.
- PARDAL, Paulo. *O Visconde do Rio Branco e a Escola Politécnica*, Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Engenharia : Xerox do Brasil, 1983.
- PEIXOTO, Luiz D'Alvarenga. *Apontamentos para a história – O Visconde do Rio Branco*. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1871.
- SALLES, Ricardo, “As águas do Niágara. 1871: crise da escravidão e o ocaso saquarema”, Keila Grinberg e Ricardo Salles (org.), *O Brasil Imperial*, v. 3, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.
- SCHORSKE, Carl. *Pensando com a História, indagações na passagem para o modernismo*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *O sentido histórico da crueldade em Machado de Assis*. São Paulo: Novos Estudos Cebrap, n.17, edição de maio, 1987.
- Discutindo com Alfredo Bosi*. São Paulo: Novos Estudos Cebrap, n. 36, edição de julho, 1993.
- TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. *O Visconde do Rio Branco – Esboço biográfico*. Typ. G. Leuzinger & Filhos. Rio de Janeiro: 1884.
- *O Visconde do Rio Branco (Glória do Brasil e da Humanidade.)* São Paulo: Melhoramentos. Segunda edição, 1930.
- VENANCIO, Giselle Martins. “Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna” *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 28, 2001.
- VIEIRA, Hermes. *A vida e a época do Visconde do Rio Branco*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1991. 484 p. (Coleção coroa vermelha, v. 22).

## Fontes:

### Cartas:

PARANHOS. Temporalidade Histórica: 1854 – 1857. IHGB n°: DL 365. 5.

PARANHOS. Convenções Diplomáticas. IHGB n°: DL 365. 8.

### Discursos, atas, etc:

Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, Defesa da Maçonaria no Parlamento brasileiro pelos srs. visconde do Rio Branco (Presidente do Conselho de Ministros) e Alencar, Typ. do Echo de Minas.

Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, Discurso do visconde do Rio Branco proferido no senado a 21 de julho de 1875. Os ajustes definitivos de paz com a Republica Arge , Typ. do Diario do Rio de Janeiro, 1875.

Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, Discurso proferido na presença de ss.mm.ii. em sessão de 13 de novembro de 1877 do Instituto Polythecnico Brasileiro pelo Visconde do Rio Branco , Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1877.

Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, Discurso proferido no Senado em Sessão de 17 de maio de 1873 pelo presidente do conselho de ministros Visconde do Rio Branco. - Typographia Nacional, 1873.

Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, Discurso proferido no Senado em Sessão de 9 de junho de 1873 sobre o voto de graças pelo Presidente do Conselho de ministros Vis , Typographia Nacional, 1873.

Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, Discursos do sr. conselheiro de estado e senador do Imperio J.M. da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco, proferidos no Senado Typographia Nacional.

PARANHOS, José Maria da Silva. *Ao amigo ausente* (1850-1851). In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Cartas ao amigo ausente*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores – Instituto Rio Branco, 1953. Originalmente publicados no *Jornal do Comercio*.

FRANCO, Álvaro da Costa (Org.) *Com a palavra, o Visconde do Rio Branco: a política exterior no Parlamento Imperial*. Rio de Janeiro: CHDD; Brasília: FUNAG, 2005.

Atas do Conselho de Estado [1847 – 1879]

[http://www.senado.gov.br/sf/publicacoes/anais/asp/AT\\_AtadoConselhoDeEstado.asp](http://www.senado.gov.br/sf/publicacoes/anais/asp/AT_AtadoConselhoDeEstado.asp)

Anais do Parlamento Brasileiro [1847-1879]

[http://www.senado.gov.br/sf/publicacoes/anais/asp/AT\\_AtadoConselhoDeEstado.asp](http://www.senado.gov.br/sf/publicacoes/anais/asp/AT_AtadoConselhoDeEstado.asp)

### **Biografias:**

PEIXOTO, Luis Antonio de Alvarenga da Silva. *Apontamentos para a Historia. O Visconde do Rio Branco*, Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1893.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. *O Visconde do Rio Branco – Esboço biográfico*. Typ. G. Leuzinger & Filhos. Rio de Janeiro: 1884.

----- *O Visconde do Rio Branco (Glória do Brasil e da Humanidade.)* São Paulo: Melhoramentos. Segunda edição, 1930.